

Por que razão os gestores
públicos precisam se lembrar que
OS DADOS NÃO FALAM POR SI¹
Robert Behn²

O copo está sobre a mesa, parcialmente cheio com um líquido. O líquido fica entre o nível superior e inferior. Vendo o copo, o líquido e o seu nível, o otimista diz: "O copo está meio cheio." O pessimista faz o mesmo, mas chega a uma conclusão diferente: "O copo está meio vazio." Os dois estão usando exatamente os mesmos dados, com absoluta precisão. No entanto, eles chegam à conclusões muito diferentes. Obviamente, mesmo estas facilmente observáveis, facilmente mensurável e inequívocas informações podem transmitir uma única e inequívoca mensagem.

Apesar do apelo universal deste clichê tão sedutor, os dados não falam por si. Quando os dados falam, apenas o fazem através de alguma base, alguma teoria, alguns modelos de causalidade, algumas construções lógicas, algumas percepções sobre o mundo e como ele funciona. Afinal, qualquer conjunto de dados é apenas uma coleção de números abstratos.

Os dados adquirem sentido quando conectado alguma visão da realidade. Durante décadas, os observadores astutos têm sido consistentemente contra o absurdo de que os dados falam por si. Em 1932, Carl Becker, presidente da American Historical Association, observou que "supor que os fatos uma vez estabelecidos em toda sua plenitude "falam por si" é uma ilusão. sugerem que, uma vez estabelecido na sua plenitude," falam por si é apenas uma ilusão. "Esteja consciente das tradições intelectuais e opções a partir do qual os dados surgem", disse Gary Marx, professor emérito no MIT: "Os fatos não falam por si mesmo" Quando James Heckman aceitou o Prêmio Nobel de Economia, foi inequívoco: "Os dados não falam por si mesmos". De toda forma, o clichê ainda perdura. Os dados são apenas dados – coleções de uns e zeros, aparentemente aleatórios. Para interpretar estas coleções é indispensável alguma base.

Necessitamos uma lente através da qual observar os dados e extrair deles algo de informação: algum padrão coerente, alguma história observável, alguma valiosa sugestão para a ação.

As vezes, ao analisar os dados somos cuidadosos e explícitos na eleição de uma base. Frequentemente, contudo, elegemos uma base por defeito, empregamos alguma muito apreciada mas estritamente implícita teoria sobre como funciona (ou deveria funcionar) o mundo. E, dado o grande número de diferentes bases Teóricas que se pode utilizar para analisar qualquer coleção de dados, o número de Possíveis interpretações, conseqüências e conclusões que podem se extrair desses dados é igualmente grande.

A eleição de uma base analítica pode basear-se em análises prévias sobre os êxitos e os fracassos de esforços anteriores para encontrar significados em similares coleta de dados. De toda forma esta eleição é subjetiva. Ademais, as conclusões extraídas dos dados podem ser mais dependente da base analítica elegida que dos próprios dados.

Isso significa que se diferentes pessoas – sinceras e honestas pessoas – observam os dados desde diferentes bases conceituais, podem (e de forma geral fazem) chegar a conclusões muito diferentes (inclusive contraditórias), a partir desses dados idênticos.

As pessoas que afirmam que "os dados falam por si mesmo" simplesmente estão dizendo: "Se você emprega minha base favorita para examinar os dados, poderá ver exatamente o que eu vejo" Além disso, essas pessoas estão dizendo: "Se você emprega apenas minha base favorita, pode-se interpretar os dados como eu e, por tanto, pode chegar apenas à minhas recomendações".

1 Esse artigo publica-se com a autorização do autor e pode consultar em inglês em Behn's Report, Vol. 6, Nº 7, Março 2009 ver <http://www.hks.harvard.edu/thebehnreport/>

2 Robert D Behn é professor na Universidade de Havard na John F. Kennedy School of Government, onde dirige o programa de educação ejecutiva "Condução de desempenho do Governo: Estratégias de liderança para produzir resultados". Sua última publicação é: O que gostariam de saber todos os prefeitos sobre a estratégia de desempenho de Baltimore CitiStat?

“Aqueles que afirmam que os dados falam por si mesmo não estão dispostos a aceitar que poderiam existir outras bases conceituais para ver o mundo.

Não estão dispostos a aceitar que pode haver interpretações alternativas, e, portanto, possíveis diferentes implicações políticas. Peter Blau, em seu livro clássico, *A dinâmica da Burocracia*, escreve: “Os dados não falam por si mesmo senão responde apenas às perguntas que o pesquisador coloca para eles.” Na eleição de uma base para examinar alguns dados, o analista está elegendo – saiba ou não – **fazer determinadas perguntas e não perguntar sobre um grande número de outras questões.**

Os dados não falam com independência do analista. Os dados falam com independência da base conceitual. Os dados não falam independentemente das perguntas. Os dados apenas fazem uso da palavra quando um analista, utilizando uma base conceitual concreta, formula alguma pergunta concreta. Os dados não podem responder a nenhuma pergunta até que alguém (implícita ou explicitamente) estabeleça alguma base para criar uma resposta.

Os dados nunca se dirigem ao analista para lhe dizer “Cuidado, estás utilizando uma base teórica equivocada”. Os dados não dizem “Por favor analista, se você me fizer uma pergunta diferente, eu poderia te dar uma resposta muito mais reveladora”. Se os dados falam por si mesmo nós os humanos, interpretaríamos sempre cada conjunto de dados da mesma maneira.

Ocasionalmente, contudo, este não é o caso. De fato muito comumente não é o caso. Diferentes humanos, com frequência podem chegar a conclusões extremamente opostas a partir dos mesmos dados. Isso não acontece porque sejam necessariamente malvadas ou estúpidas, é simplesmente porque são análises de dados através de diferentes bases conceituais.